

PREFÁCIO*

Estamos diante de uma obra que seguramente traz contribuições de suma importância para aqueles que estudam e atuam à luz da psicologia histórico-cultural, colocando este referencial teórico-metodológico a serviço de práticas transformadoras e comprometidas com a formação omnilateral dos indivíduos. Organizada por Fabíola Gomes Batista, Marilda Gonçalves Dias Facci e Sônia Mari Barroco Shima, a presente coletânea de textos, intitulada *Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores na Psicologia Histórico-Cultural: contribuições para a Psicologia e para a Educação* (título provisórios), toma como eixo articulador para diversos temas - caros à psicologia e à educação, a formação e o desenvolvimento do psiquismo humano, com destaque às funções psíquicas superiores.

Desde as suas origens, a psicologia histórico-cultural preconiza a necessidade de rupturas com as explicações naturalizantes, pelas quais o aporte psicológico resulta subsumido ao aparato biológico e, da mesma forma, com concepções idealistas ou materialistas mecanicistas, pelas quais não se apreende a essencialidade concreta dos indivíduos. A formação da subjetividade humana não se explica por estas vias, haja vista que elas, ao dicotomizarem singularidade e sociabilidade, bem como indivíduo e gênero humano, não abarcam o fenômeno psíquico em sua totalidade concreta. Por conseguinte, pouco contribuem para a compreensão do ser social - cuja formação não pode ser analisada em apartado das condições objetivas que lhe conferem sustentação.

As rupturas com tais concepções, determinam que coloquemos no centro dos enfoques psicológicos duas categorias intervenculares e interdependentes, quais sejam, *atividade* e *consciência* - apreendendo-as como base daquilo que caracteriza o ser humano como um ente ativo e consciente para que, por essa via, opere como sujeito deveras construtor das circunstâncias históricas de sua existência. Todavia, são as circunstâncias objetivas de vida que delimitam o campo de atividade que coloca o indivíduo em relação com o mundo, condicionando sua estrutura - que se impõe como fundamento da estruturação da consciência.

É sabido que sob os moldes de organização social parametrizados pela propriedade privada dos meios de produção, até mesmo a formação de capacidades psíquicas - na condição de meios subjetivos para a produção da vida tipicamente humana, torna-se condicionada pelas possibilidades e/ou pelos limites de classe. No campo da ciência psicológica, devemos à psicologia histórico-cultural o grande mérito de colocar a questão da articulação entre o desenvolvimento psíquico das pessoas e a qualidade de suas condições de vida e de educação, pois elas, ao mesmo tempo em que encerram as possibilidades para a formação das particularidades já alcançadas pelo gênero humano, encerram também, as possibilidades para sua mutilação. Sendo assim, a compreensão dos fenômenos psicológicos exige a compreensão da natureza essencial do humano, implica o conhecimento acerca do movimento histórico-cultural de sua formação.

Com o exposto, estamos colocando em relevo a indispensabilidade do esclarecimento acerca das dimensões estruturais e funcionais do psiquismo humano, para que possamos, sobretudo, conhecer as leis que regem sua instituição e promoção - tarefas ambicionadas tanto pela psicologia quanto pela educação. Considero que o conjunto de textos constitutivos deste livro prima por fornecer, sob diversos vieses temáticos, um apoio substancial para as práticas em psicologia e em educação que se queiram desenvolvê-las.

É fato que o enfoque crítico tanto na psicologia quanto na educação tem conquistado terreno em nosso país e que, para tanto, a teoria psicológica histórico-cultural tem dado contribuições incontestes. Na atualidade, contamos com um razoável acervo de

* DOI - 10.29388/978-65-86678-97-0-f.7-10

produções nesse campo, mas, seguramente, não esgotamos nem esgotaremos – posto que as teorias são históricas, as demandas requeridas pelo conhecimento multilateral e profundo acerca do psiquismo humano, dado que se impõe, inclusive, como exigência do método materialista histórico e dialético que fundamenta o referido enfoque.

A meu juízo, a obra em tela vem somar-se aos esforços empreendidos nessa direção, debruçando-se sobre um dos temas basilares para o esclarecimento sobre a natureza social do desenvolvimento do psiquismo, qual seja, o da transformação dos processos psicofísicos legados pela natureza em processos culturalmente edificados, isto é, transformação das *funções psíquicas elementares* em *funções psíquicas superiores*, tal como proposto por Vigotski.

O tratamento dispensado por ele a este tema reserva, em proporções iguais, relevância e complexidade, posto que exige domínios sobre os conhecimentos acerca das referidas funções, tal como veiculados até as décadas de 20 do Séc. XX pela psicologia tradicional, bem como dos princípios do método materialista dialético, na base do qual Vigotski, Luria e Leontiev se contrapuseram a essa psicologia, avançando em direção a uma outra definição de psiquismo bem como daquilo que o forma e transforma. Cabe lembrar que até o Séc. XX as buscas pelo estabelecimento de relações entre cérebro, funções psíquicas e atividades especificamente humanas mobilizavam o cenário científico nas áreas da neurologia, fisiologia e psicologia, encerrando debates acalorados acerca de tais questões.

Foi diante desse cenário que Vigotski, Luria e Leontiev advogaram o equívoco metodológico dos estudos então vigentes - hegemonicamente lógico-formais, bem como a necessidade de superação do mesmo pela via do método materialista dialético. Consideraram que pelas prescrições lógico formais e tomando aquilo que é particularmente humano - no âmbito das funções psíquicas, como produtos do cérebro ou manifestações de atos biológicos convertidos em fenômenos psíquicos, a psicologia como ciência resultaria desprovida de objeto. Discordando da vinculação do termo *função* a seu significado estritamente biológico, descortinaram os horizontes para a compreensão das relações existentes entre os complexos sistemas funcionais cerebrais e a atividade cultural do indivíduo.

Asseveraram e demonstraram em suas pesquisas que o psiquismo humano se institui como *imagem subjetiva da realidade objetiva*, edificada na unidade matéria/ideia graças à ação de um *sistema* funcional. Como tal, conquista sua característica mais complexa, qual seja, a orientação conscientemente dirigida do comportamento. Esta premissa foi determinante da necessidade de se conhecer, afinal, como essa imagem se forma, e mais, como reverbera na existência concreta do sujeito, balizando suas relações consigo próprio e com o mundo. O que colocavam em pauta era, portanto, a formação e o desenvolvimento das formas culturais de comportamento, que requerem, desde o ponto de partida, o autodomínio da conduta.

Vigotski, particularmente, dedicou-se a esta empreita, evidenciando que o desenvolvimento humano trilha duas linhas e leis de natureza diferente, que embora se entrelacem, não podem ser identificadas ou reduzidas uma à outra. Denominou as referidas linhas como *linha do desenvolvimento orgânico* e *linha do desenvolvimento cultural*. Foi na exegese das mesmas que afirmou as diferenças radicais que existem entre as *funções psíquicas elementares*, primitivas, e as *funções psíquicas superiores*, edificadas culturalmente e responsáveis pela complexidade da conduta humana. Assim, colocou em causa a superioridade daquilo que é engendrado pela vida social em relação ao que nos é dado no ato do nascimento.

Ocorre, porém, que a referida superioridade não resulta da simples inserção social do sujeito, apontando na direção dos processos educativos e das demandas requeridas pela atividade que coloca o indivíduo como ser ativo na natureza, construtor de seus meios de existência. Comunicar-se por meio da fala; abstrair; calcular; operar com análises e sínteses; com atenção dirigida; com memória lógica, bem como antecipar imageticamente o

resultado final de uma ação, dentre tanto outros atributos, são produtos das demandas engendradas pela unidade atividade/consciência.

Adotando um enfoque sistêmico materialista e dialeticamente orientado, Vigotski recolocou o problema do método de análise do psiquismo humano, opondo-se aos estudos que procediam à atomização do psiquismo, preterindo sua natureza unitária, integral e cultural. Segundo ele, as análises fracionárias do psiquismo tinham como resultado o mais absoluto distanciamento em relação às propriedades que só poderiam ser explicadas com base no conjunto das funções que o instituem. Portanto, não dariam conta de abarcar a complexidade psíquica em sua dinâmica própria, com suas contradições internas essenciais e suas múltiplas configurações estruturais e funcionais, na medida da redução do todo às partes e do complexo ao simples.

Pelo exposto depreendemos que qualquer enfoque sobre as funções psíquicas superiores se insere num contexto teórico-metodológico mais amplo, qual seja, o da natureza social do psiquismo humano. Sendo assim, explicita-se não apenas as propriedades de que dispõe, mas, sobretudo, em quais condições elas se desenvolvem. É particularmente neste âmbito que o presente livro se destaca, trazendo contribuições atualizadas tanto para a análise dos processos psíquicos quanto de suas articulações com a qualidade dos processos educativos, notadamente os escolares. Isto porque a explicitação da referida natureza social não equivale ao mero reconhecimento da importância do entorno social na vida dos indivíduos, mas coloca *sub júdice* a qualidade do pertencimento social das pessoas em relação aos alcances obtidos em seu desenvolvimento.

Este fato demanda análises acuradas das condições históricas e dos contextos nos quais ocorre a formação humana, com destaque ao fato de que em sua base estão as *mediações culturais*, pelas quais ocorre a internalização da experiência humano-genérica, ou seja, a aprendizagem dos procedimentos e das ações objetiva e subjetivamente elaboradas na existência histórico-social. Compreender o desenvolvimento psíquico como um processo interpessoal, mediado e condicionado por condições objetivas recoloca o papel exercido pela educação escolar sobre ele, haja vista que conduzir as internalizações a um nível que supere a cotidianidade e a aparência fenomênica da realidade se impõe como condição para a construção do conhecimento que a torna inteligível, ou, se preferirmos, como condição para a formação dos conteúdos da consciência.

Mas, para tanto, caberá ao ensino sistematizado, impulsionando formas próprias e específicas de ações, promover novas combinações das funções psíquicas e com isso, transformar gradativamente o *sistema* psíquico, na base do qual se instituem os comportamentos culturalmente erigidos. Este processo, por seu turno, sustenta não apenas o ato de construção do conhecimento, mas, sobretudo, o ato de ser capaz de fazê-lo e dirigir-se por ele. Nessa medida, a escolarização exerce uma de suas maiores influências, que é referente à formação da personalidade como fenômeno auto conscientemente orientado.

Não por acaso, os textos que compõem esta coletânea integram enfoques sobre processos psíquicos, educação escolar e condições objetivas desenvolventes. Sendo assim, reiteram a função social da escola ao, de um lado, possibilitar que cada indivíduo, por meio dos conhecimentos sistematizados, conquiste o domínio das propriedades da realidade, não acessíveis de forma imediata. De outro lado, afirmando a educação escolar como um processo que gera contradições internas entre as dimensões naturais e culturais do psiquismo e, desta forma, impulsionando a superação das funções psíquicas elementares em direção às funções psíquicas superiores.

Pela relevância dessa questão, não tenho dúvidas de que, com este livro, damos mais um importante passo na defesa de práticas psicológicas e de práticas pedagógicas que, efetivamente, possam (trans)formar os indivíduos, habilitando-os para a (trans)formação das condições político-econômicas que se impõem como obstáculos à existência humana plena, universal e livre.

São Carlos, setembro de 2021

Lígia Márcia Martins